

DIRETORES

Artêmio Carlos Coutinho Nogueira
José Benedito Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL

Artêmio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Juan Soares,
José Benedito Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto, Rogério Salbiano,
Sergio Salvati, Suzana Michalini Peixoto

DIRETOR EDITORIAL | Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS

Liana John | Voltezar Silveira

EDITORES

Luz Figueiredo | Marcela Ribeiro

DIREÇÃO DE ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA

Matheus Jeremias Fortezato

FOTOGRAFIA

Geber Trivelato, Rudimar Narciso Opriem,
Wanderlei Duarte, Willy Ertel

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Carolina Datta Costa, Dirceu Martins,
Fernando Kassab, João Prudente,
Luiz Claudio Marigo, Marcos Corrêa,
Sandro Cristini, Suzana Michalini Peixoto,
Vivianne Maria

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Ciro Porto (MT: 20414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE

Diretor administrativo e financeiro
José Benedito Coutinho Nogueira Neto

Gerente comercial | Rubens Rosa

Circulação | Liana Ferreira Martins

Distribuição | Ferruccio Chingaglia

Impressão | Log&Print Gráfica e Logística S.A.

PARA ASSINAR:
0800 703 3788

PARA ANUNCIAR:

Gerente Comercial (011) 3776-0803 - (011) 91528313
mliana@terra.com.br

SUCURSAL PAULISTA

Solange Mendonça - sol@sucursapaulista.com.br
Luizel Bruno - luizelbruno@sucursapaulista.com.br
Av. Brigadeiro Faria Lima, 3526, 11 andar cj 1104/05
CEP: 01452-002 - São Paulo - SP
terragente@sucursapaulista.com.br
(11) - 3516.1690

REPRESENTANTES

Brazilia: Pedro Aldeino
pedroal@terra.com.br
(61) 33219100 - (61) 952556647

Rio Grande do Sul e Santa Catarina:
Comercial@terra.com.br
(51) 30927767 - (51) 35177677
comercial@terra.com.br

ANÚNCIOS E PATROCÍNIOS

Além de anúncios institucionais e comerciais em formato tradicional, Terra da Gente oferece a opção de patrocínio das seções e colunas fixas. Fale com nossos representantes.

CRM

Liana John
Kátia Schmitt
Cibele (Terra) - Brasil

A revista Terra da Gente é uma publicação mensal do Terra da Gente Produção e Circulação Ltda, uma empresa do Grupo GFTV



DEDO DE PROSA

LIANA JOHN

Aponte para o lado certo

É fácil apontar o indicador e colocar a culpa no outro, em especial se esse outro não pode argumentar em sua defesa. Assim fazemos quando buscamos responsáveis por atividades de impacto ambiental e assim também agimos quando aparecem problemas cuja origem ou causa não sabemos identificar de imediato. E se a situação envolve pânico ou risco para a saúde, esse comportamento é ainda mais comum, pois temos dificuldades em agir com a razão e o tempo de reflexão necessários.

É precisamente o caso de epidemias de doenças infecciosas de alguma forma relacionadas à fauna, silvestre ou doméstica. Não hesitamos em apontar o dedo para os animais e atribuir a eles a culpa. Mesmo quando nós, humanos, facilitamos o contágio ao invadirmos o território deles; ao desalojarmos agentes patogênicos e hospedeiros com os desmatamentos e a fragmentação de habitats; ao transportarmos vírus, bactérias e parasitas em nossas viagens pelo Planeta; ao mantermos animais aglomerados em ambientes pouco saudáveis...

Quando os animais são silvestres, não raro a culpa a eles atribuída vem acompanhada de sentenças de morte. Cultivamos a ingênua esperança de que a eliminação dos animais portadores ou hospedeiros dos patógenos acabará com a epidemia ou o surto da doença. E não revisamos nosso comportamento, não reconhecemos a nossa parcela de responsabilidade.

Nesta edição, mencionamos a epidemia de gripe suína e os surtos de febre amarela que transformaram muitos animais em réus, sem direito a defesa. Infelizmente, não são casos isolados. A disseminação da cinomose dos cachorros e gatos domésticos entre onças e gatos-do-mato e a transmissão da raiva por morcegos também põem os animais no paredão. Em nome de um saneamento bem pouco efetivo morrem animais doentes - tão vítimas quanto os humanos - e espécies sem qualquer relação com a doença, simplesmente por serem semelhantes aos portadores ou hospedeiros dos patógenos.

O Brasil tem, em sua história, grandes nomes da Saúde Pública e exemplos dignos de nota na prevenção de surtos e epidemias. É hora de popularizar essa forma de agir para combater a ignorância e começar a apontar o indicador para o lado certo. É o mais justo para com a fauna e, sobretudo, o melhor caminho para a contenção das doenças infecciosas.